

NAS LINHAS DOS JORNAIS: DISCURSOS DE MODERNIZAÇÃO/MODERNIDADE EM CÁCERES/MT NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Giuslane Francisca da Silva¹

Resumo: Diversas transformações ocorreram no Brasil a partir da segunda metade do século XIX; como a consolidação do capitalismo, o desenvolvimento da vida urbana, o que possibilitava novos espaços de convivência social e a ascensão da burguesia. Nesse sentido, no presente trabalho buscamos refletir sobre os discursos e projetos de modernização dos espaços urbanos da cidade de Cáceres/MT nas primeiras décadas do século XX, apontando como os discursos de modernização/modernidade foram interpretados pelas elites e pelos órgãos administrativos, analisando um conjunto de medidas adotadas pelos mesmos com o objetivo de incluir Cáceres/MT, no dito “mundo civilizado”.

Palavras-chave: Cáceres; Modernização; Progresso.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: <giuslanesilva@hotmail.com>.

***ON THE LINES OF NEWSPAPERS: DISCOURSES OF
MODERNIZATION/ MODERNITY IN CÁCERES/ MT IN THE
FIRST DECADES OF THE TWENTIETH CENTURY***

Abstract: *Diverse changes occurs in Brazil as from the second half of nineteenth century; as the consolidation of capitalism, the urban life development which made possible new space of social coexistence. In this way, the article aims to reflect about the discourse and project of urban space modernization in the city of Cáceres/MT in the first decades of the twentieth century, pointing out how the discourses of modernization/ modernity were interpreted by the elites and the administrative organs analyzing the set of measurements adopted with the objective to include Cáceres/MT at the “civilized world”.*

Keywords: *Cáceres; Modernization; Progress.*

Introdução

Este trabalho procura abordar alguns discursos de modernização/modernidade presentes em Cáceres/MT nas primeiras décadas do século XX. Propomos analisar como esses discursos foram interpretados especialmente pelas elites e os administradores públicos, e a partir desse momento procuraram na medida do possível estabelecer medidas que possibilitassem Cáceres aproximar-se do dito “mundo civilizado”. Buscamos investigar ainda, a propagação desses discursos em dois periódicos que circulavam na cidade nesse período,

são eles *Argos* e *A Razão*, fundados em 1911 e 1924 respectivamente. Bem como apresentar algumas medidas adotadas, com o intuito de remodelar o espaço citadino.

No Brasil, nos primeiros anos da República principalmente no início do século XX, quando os discursos de modernização e civilização dos espaços urbanos se tornaram mais fortes, as cidades desempenharam através de um conjunto de medidas, o papel de espaço “civilizatório” de seus habitantes. Esse processo ocorreu de maneira variada nas diversas regiões do país, estando, sobretudo, ligadas as questões econômicas. No Brasil, as cidades umas de maneira mais acelerada, como São Paulo e Rio de Janeiro, que contavam com maiores recursos financeiros, outras com menor intensidade no caso de cidades menores, como Cáceres, que muitas vezes encontravam-se entregues a sua própria sorte, desempenhavam através de um conjunto de medidas, o papel de espaço “civilizatório” de seus habitantes, a começar pelas elites, ao buscarem dentro de suas possibilidades ajustarem-se a nova situação.

Cidades menores localizadas em regiões mais afastadas do litoral também incorporaram os discursos e símbolos da modernidade como é o caso de Cuiabá, Corumbá, e Cáceres, que embora não tenham se constituído em grandes centros industriais e econômicos, tampouco se tornaram metrópoles, mas por se localizarem as margens de rios navegáveis como o Paraguai e o Cuiabá, tiveram significativa importância em suas regiões, pois nesse momento a navegação era o meio mais rápido e eficaz de transporte, servindo como porta de

entrada para mercadorias, migrantes e imigrantes. São cidades muito pequenas se comparadas com os demais centros urbanos, mas assim como estes, sentiram as consequências do fenômeno de urbanização/modernidade vivenciado no Brasil e em grandes cidades europeias e estadunidenses.

Com o objetivo de modernizar e higienizar o espaço urbano, as cidades do litoral foram pioneiras na elaboração de projetos e medidas para tal fim. Entre 1902-1906 ocorreu a chamada “regeneração” do Rio de Janeiro, durante o governo de Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade. O processo de modernização pautou-se em transformar definitivamente a imagem da capital que ainda respirava os ares coloniais e, portanto, envelhecidos. Essa iniciativa recebeu o apoio dos habitantes mais renomados, visto que a burguesia em ascensão desejava estabelecer tanto os mecanismos de prosperidade econômica, quanto habitar em lugares que se identificassem com a estética das modernas cidades européias.²

O processo de modernização carioca se viabilizou pela destruição das velhas estruturas urbanísticas da sociedade colonial-imperial, para por em prática um projeto de cidade moderna inspirado no embelezamento e reforma urbanística de Paris por Haussmann. No final das reformas, a nova paisagem do Rio de Janeiro “[...] transformou a cidade em uma referência nacional em termos de modernização urbana”, na perspectiva em que “o Rio de Passos veio a ser para o Brasil o que a Paris de Haussmann havia se tornado para o

² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

mundo: um modelo de cidade ‘moderna’³. Modernização benéfica apenas para as elites econômicas, políticas e sociais que dispunham de recursos para desfrutarem dos novos espaços que se configuravam ao longo das avenidas centrais do Rio, enquanto que os trabalhadores que tiveram suas habitações destruídas para dar lugar as largas avenidas e edifícios modernos, foram empurrados para os morros, nascendo aí as primeiras favelas.

Esse esforço de modernização do Rio de Janeiro veio acompanhado da tarefa de instruir seus moradores ao exercício de hábitos considerados mais civilizados. Com esse intuito, o então prefeito Pereira Passos criou uma série de medidas que se contrapunham aos velhos hábitos e práticas populares tradicionais. Proibiu-se cuspir na rua e nos bondes, manter cães soltos, soltar balões, expor carnes à venda nas ruas, o trânsito de vacas, andar descalço e sem camisa, entre outros.⁴

Contrariando algumas teorias que afirmam que Mato Grosso e conseqüentemente Cáceres, permaneceram durante muito tempo em estado de letargia, através da utilização de vários números de periódicos, foi possível perceber que a cidade, assim como em outros centros urbanos do país e da província (Cuiabá e Corumbá), foi influenciada pela ideia do “novo” do “moderno”, sendo elaborados e executados vários projetos de modernização do espaço urbano, porém,

³ FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque Paulista*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 30.

⁴ BRANDÃO, Ludmila de Lima. Da cidade moderna às contemporâneas: notas para uma crítica do urbanismo modernista. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 247-271, jan./jun. 2014.

outros tantos sequer saíram do papel em decorrência da falta de recursos financeiros para executá-los. Desse modo, pode-se mostrar que Cáceres não estava isolada, mas que em vários aspectos estava concatenada com os grandes centros urbanos, como por exemplo, as reformas urbanísticas, os discursos de modernização/modernidade, delimitação de novos espaços e sociabilidades com características marcadamente “modernas”, conforme definia as elites.

Desse modo, procurando sanar com os problemas que distanciavam Cáceres do padrão de “cidade moderna”, a exemplo de outros centros urbanos brasileiros, foram realizados vários projetos com o intuito de remodelar o espaço urbano, bem como disciplinarizar os cidadãos. Para tanto, investiu-se em obras como a arborização de ruas, praças e avenidas, assim como o calçamento das mesmas, construção do cais do porto, matadouro municipal, iluminação (inicialmente a gás), construção de novos espaços de sociabilidades como o Jardim Público e clubes sociais, sistema de abastecimento de água e etc.

Juntamente com essa tentativa de modernização do espaço urbano, veio também as investidas contra antigos hábitos dos cidadãos considerados como inadequados para o padrão de cidade que se buscava construir, como por exemplo, o abate de reses no perímetro urbano, a circulação de animais como cachorros, vacas galinhas e etc, proibição de batuques, frequência a locais considerados inadequados (áreas de prostituição) entre outras questões que foram duramente

combatidas pelos administradores. Com se poderá perceber nos parágrafos a seguir.

O “novo” e o “moderno” chegam pelas águas

No caso de Cáceres, o rio Paraguai representava o meio mais rápido de acesso a outras cidades, visto que para se chegar a Corumbá gastava-se entre três e cinco dias, exceto em épocas em que o nível da água baixava devido a seca; já para chegar-se a capital Cuiabá, demorava-se em média seis dias, percurso que durante muito tempo era feito somente a cavalo em trilhas abertas em meio a mata, devido a inexistência de estradas e veículos. Após o fim da Guerra da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), ocorreu a reabertura da navegação pelo rio Paraguai, a partir desse momento, Cáceres pode novamente conectar-se com outras cidades, estados e países. A livre navegação permitiu não apenas a Vila Maria⁵, mas à então Província de Mato Grosso, um súbito desenvolvimento, ocorrendo uma espécie de encurtamento das distâncias que a separavam das demais cidades, como o Rio de Janeiro, São Paulo, assim outras cidades, como Assunção, Buenos Aires, inclusive com alguns países da Europa, haja vista que os contatos entre estas cidades passaram a ser mais constantes.

⁵ Pela Lei de nº 1 de 28 de maio de 1859, Vila Maria é elevada a categoria de Vila. Passando a exercer sobre si mesma o governo, através da criação da Câmara Municipal. Em 30 de maio de 1874, pela Lei Provincial, Vila Maria do Paraguay, recebe a categorização de cidade, alterando a denominação para São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro da cidade, São Luiz. Pelo Decreto-lei estadual de 1938, a cidade passa a denominar-se Cáceres.

Até 1928 Cáceres ainda não dispunha de porto e as embarcações atracavam nas barrancas da baía de frente a igrejinha, denominado Porto da Manga, nesse local os vapores, lanchas e paquetes partiam com destino a Corumbá e de lá regressavam com mercadorias oriundas da Europa, tais como tecidos, pianos, indumentárias, cristais etc., utilidades que logo iam sendo incorporadas aos lares e figurinos dos cacerenses, sobretudo daqueles que pertenciam às camadas mais abastadas, que se constituíam nas elites da cidade.⁶

Era também muito comum pessoas pertencentes as elites da cidade irem ao Rio de Janeiro, São Paulo, ou até à Europa, pois a navegação fluvial pelo rio Paraguai “encurtou” as distâncias entre Cáceres e esses centros urbanos. Nas palavras de Natalino Mendes⁷ em Cáceres havia uma elite pequena, porém aberta ao “novo”, ao ‘moderno’, pois as pessoas de “posses viajavam para o exterior e traziam o modernismo”. Visto que o “fascínio da vida daquelas cidades provocava inevitavelmente uma interlocução recíproca entre esses mundos, aparentemente distantes, e ao mesmo tempo, uma reinvenção de práticas sociais diferenciadas.”⁸

Nas palavras de Natalino Mendes em Cáceres havia uma elite pequena, porém aberta ao “novo” e ao “moderno”, pois as pessoas de

⁶ PINHO, Rachel Tegen. Cáceres: olhares sobre a tessitura urbana de São Luiz de Cáceres. In: CHAVES, Otávio Ribeiro (Org.). et al. *História e memória de Cáceres*. Cáceres: Unemat, 2011, p. 66- 80.

⁷ BAPTISTA, Marta. *Estrela de uma vida inteira: a história de Cáceres contada através das lembranças de vó Estella*. 5. ed. Cáceres: Unemat, 1998, p. 36.

⁸ ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. Memórias subscritas em um tempo revisitado. In: CHAVES, Otávio Ribeiro (Org.). et al. *História e memória de Cáceres*. Cáceres: Unemat, 2011, p. 229- 256, p. 246.

“posses viajavam para o exterior e traziam o modernismo.”⁹ Visto que o “fascínio da vida daquelas cidades provocava inevitavelmente uma interlocução recíproca entre esses mundos, aparentemente distantes, e ao mesmo tempo, uma reinvenção de práticas sociais diferenciadas.”¹⁰

A modernidade era almejada tanto pelos poderes administrativos como pelas elites, visto que ambos defendiam que Cáceres era merecedora do “progresso” e da “civilização”, pois visto que nesse período a *urbe* se constituía juntamente com Corumbá e Cuiabá em porta de entrada e saída de mercadorias, assim como de imigrantes e migrantes, considerando que estas eram cidades portuárias. Na busca pela remodelação do espaço urbano e pela incorporação de novos hábitos marcadamente burgueses as elites e os órgãos administrativos encontraram nos jornais um importante aliado na tarefa de difundir as “luzes” da modernidade e do progresso, ao mesmo tempo em que denunciaria os transgressores das normas sociais. As mudanças não se restringiram somente ao aspecto do material, de renomeação e calçamento das ruas, arborização de praças, criação de locais destinados a passeios públicos como o Jardim Público, entre outras medidas, mas buscava-se também disciplinar os cidadãos que transitavam pelas apertadas e barulhentas ruas de Cáceres, com o intuito de moldá-los conforme as normas de civilização, estabelecidas pelo Velho Mundo.

Em Cáceres, em decorrência do *ir e vir* de seus moradores, especialmente das elites, além da chegada de imigrantes, sobretudo

⁹ BAPTISTA, op. cit., 1998, p. 36.

¹⁰ ARAÚJO, op. cit., p. 246.

européus, a cidade empreendeu vários projetos de modernização urbana, a iniciar pela modificação de suas edificações, sendo construídas grandes casas em estilo neoclássico e eclético, agora possível graças a entrada de novos materiais e técnicas importadas, principalmente da Europa, embora mantivessem a mistura com outras técnicas de construção como o estilo colonial. As novas edificações expressavam a emergência de uma elite burguesa, identificada com os padrões de vida dos grandes centros urbanos brasileiros, composta por negociantes estrangeiros e brasileiros que se dedicavam à exportação da poaia¹¹, erva mate, charque, extrato de carne e peles de animais silvestres, importação de maquinários, louças, artigos de luxo, perfumaria, tecidos, azeites, transporte de passageiros, representantes bancários. Dinamizando a paisagem urbana, bem como o modo de vida dos cidadãos de Cáceres, transformando suas práticas sociais e culturais.

O processo de disciplinarização e moralização dos sujeitos nos espaços citadinos se constituíram em mecanismos de elevar a cidade à tão sonhada modernidade, e nesse propósito os códigos de posturas foram elementos essenciais. Em 1888 foi publicado o segundo Código de Posturas de Cáceres, que constitui em um mecanismo utilizado pelos governantes no intuito de civilizar a cidade, moralizar os sujeitos, disciplinarizando-os tanto nos espaços públicos como no privado.

¹¹ Também conhecida como Ipeca, a *Cephaelis Ipecacuanha* é uma planta rampante que cresce na sombra de matas úmidas e sua raiz é utilizada para fazer chá sendo muito utilizada também para uso medicinal.

Nesse período Cáceres foi marcada pela intervenção direta do poder público visando um dimensionamento racional dos espaços urbanos, além de intervir na vida social dos moradores da cidade, delimitando espaços e práticas de sociabilidades, que poderiam ou não serem frequentados(as) e/ou praticados(as).¹² As questões ligadas a moralidade, ao comportamento, as atitudes dos moradores das cidades, seus vícios, as relações de trabalho, as leis, a preocupação com a higienização e com a saúde dos cidadãos, se transformaram em situações que já não se restringiam ao âmbito do espaço familiar e privado, mas passaram a receber a intervenção de higienistas, sanitaristas, entre outros, que se voltaram a regular a vida dos cidadãos.

Servindo a este propósito, os Códigos de Postura foram amplamente utilizados com o intuito de difundir “técnicas de controle e vigilância com a finalidade de coibir a desordem e possibilitar uma nova ordem de convívio social”¹³, pois a partir do momento em que ocorre o processo de urbanização mediante o desenvolvimento econômico, as *urbes* passaram a exigir uma quantidade maior de serviços de melhorias que traduzem a modernidade do século XIX, sobretudo nas décadas iniciais do século XX. Contudo, é no sentido de “homogeneizar” os habitantes das *urbes*, que o Estado voltava-se em

¹² ARRUDA, Adson de. *Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX (1900- 1930)*. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

¹³ WEBER, Beatriz Teixeira. *Códigos de posturas e regulamentação do convívio social em Porto Alegre no século XIX*. 1992. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1992, p. 11-12.

ocupar dessas questões, adotando estratégias de disciplinarização, daí o papel das posturas municipais, bem como a criação e fortalecimento de algumas instituições para reprimir as condutas que fugissem aos padrões higienistas e disciplinares, estabelecidos pelo Velho Mundo. Essas intervenções estavam contidas no Código de Postura de Cáceres de 1888, como por exemplo, no capítulo 14 no qual constam as seguintes proibições:

§1º Fazer bulha ou algazarra, e dar altos gritos à noite;

§2º Fazer sambas, cururus, batuques e outros brinquedos ou divertimento, que produzam estrondo e desordem dentro desta cidade;

§3º Contender ou sustentar controvérsias em altas vozes pelas ruas, quer de dia, quer de noite;

§4º Proferir palavras obscenas ou licenciosas que ofendem o pudor das famílias ou a moral pública.¹⁴

As questões ligadas à moralidade, ao comportamento, as atitudes dos moradores das cidades, seus vícios, as relações de trabalho, as leis, a preocupação com a higienização e com a saúde dos cidadãos, se transformaram em situações que já não se restringiam ao âmbito do espaço familiar e privado. Compreendemos que o período entre o final do século XIX, a partir do Código de Postura de 1888 e mais especificamente as décadas iniciais do século XX, quando se tem a aprovação do terceiro Código de Postura em 1901, pelo Intendente João de Campos Widal¹⁵ foi marcado por uma maior preocupação por

¹⁴ CÓDIGO DE POSTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO LUIZ DE CÁCERES. Palácio do Governo de Matto-Grosso, 28 dez. 1888.

¹⁵ MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. 2 ed. Cáceres: Unemat, 2009.

parte dos poderes públicos, talvez por uma pressão mais intensa da elite emergente, em intervir nos espaços urbanos de Cáceres. Momento singular também na busca pelo desenvolvimento, progresso e pela remodelação dos espaços urbanos, assim como a necessidade de civilizar os hábitos dos moradores citadinos, afim de que se enquadrassem ao modelo de sociedade higienizada e civilizada que se buscava constituir.

Nesse propósito os jornais assumiram um importante papel, na medida em que traziam a público, os problemas enfrentados pelas cidades na busca pelo progresso, como na citação a seguir, na qual se pode observar a indignação da redação do *Argos* no qual segundo este “algumas pessoas se mostram refractarias ao cumprimento, já das posturas municipais [...] mandando atirar lixo e mesmo animais mortos como galinhas, ratos e outros, a margem do Sangradouro.”¹⁶

Uma prática muito comum nesse momento diz respeito a publicação dos Códigos de Postura em jornais, com o intuito de fazer conhecidas as normatizações que regiam uma determinada cidade e assim demonstrar as medidas de repressão que seriam tomadas pelos poderes administrativos para punir aqueles que de alguma maneira infligissem as normatizações que estavam sendo instituídas aos citadinos. O trecho a seguir, foi publicado no periódico *Argos* em 23 de junho de 1912, optei por transcrevê-lo, pois compreendo que o mesmo elucida bem o posicionamento dos poderes públicos em

¹⁶ *Argos*: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 47, 1912, p. 3.

relação a imposição de normas e condutas aos sujeitos nos espaços públicos, no caso em questão, de Cáceres:

Artigo 29. Fazer escavação para tirar terra nas ruas, praças ou lugares de trânsito público, remover as pedras do calçamento ou fazer buracos, sem prévia licença da Câmara. Multa (quantia) e obrigação de repor tudo no estado anterior.

Art. 30. Causar qualquer dano, em edifício, jardim público ou particulares fachadas, muros e grades dos muros, árvores, lampeões da iluminação pública, encanamento de água, postes e fios eléctricos ou telefônicos, pontes e calçadas, em [...] plantas do jardim [...] população em embelezamento da cidade. Pena (valor) de multa e de prisão, ficando além disso obrigado a reparar os danos.¹⁷

Em Cáceres, assim como em Corumbá, com frequência apareciam nos periódicos artigos que ressaltavam o importante papel econômico da cidade para Mato Grosso, motivo pelo qual “defendiam que a cidade poderia e merecia ter um maior progresso ou adiantamento, pois estava *atrasada* sob vários aspectos [...] a civilização precisava chegar de forma mais rápida naquelas paragens.”¹⁸ Como se pode observar no trecho a seguir, cujo título *Infeliz cidade de Cáceres* já denuncia a insatisfação com que uma parcela da população se encontrava diante do ‘abandono’ da cidade por parte do governo estadual;

[...] parece-me que o Sr, Presidente do Estado não tenciona mais morar em São Luz de Cáceres, por que não deseja seu

¹⁷ *Argos*: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 48, 1912, p. 2.

¹⁸ SOUZA, José Carlos de. *Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 32.

melhoramento, mas sim o seu atraso [...]. Eu desejava ver o engrandecimento da minha infeliz terra e não ao contrário, como dia a dia vai aparecendo, praticado pelos seus próprios filhos.¹⁹

Ainda que Cáceres ocupasse um lugar de destaque no final do século XIX e início do XX, a mesma sofria com a ausência de custeios estaduais, não recebendo repasses por parte do governo. No entanto, há que se considerar aqui dois aspectos importantes para compreender essa *indignação* diante da inércia do governo estadual, na pessoa de Costa Marques em atender sua “terra mãe”. O periódico *Argos* ainda que se denominasse enquanto um órgão independente e noticioso, não era de todo isento de influências partidárias, na medida em que a composição do corpo editorial fazia-se de personalidades políticas da elite local, sendo que a orientação partidária dos mesmos, opunha-se ao governador do Estado da época, Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques do Partido Republicano Conservador. O que em partes justifica as duras críticas ao governo estadual, colocando-o enquanto responsável pelo estado de letargia, que segundo estes Cáceres se encontrava.

Projetos de melhoramentos urbanos: atuação da imprensa periódica

Cáceres, assim como a capital Cuiabá também sofria de uma série de problemas, como a falta de iluminação e calçamento das ruas, de abastecimento de água, entre outros problemas que traziam um grande mal estar para seus moradores, especialmente para as elites. No

¹⁹ *Argos*: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 50, 1912, p. 2.

artigo publicado no jornal *A Razão* de 1924, é possível notar uma série de problemas enfrentados pela cidade:

(Cáceres) Devia ser portanto, uma cidade absolutamente geométrica, com suas ruas largas, direitas, cortando-se em ângulos rectos, arborizadas, praças ajardinadas, onde as famílias pudessem passar e se espairecer às tardes de verão e às noites de luar. O traçado primitivo começado pelos fundadores da cidade e continuado pelos seus primeiros habitantes, *vem sendo desprezado*, o que é antiestético e antihigienico, isto é, enfeia a nossa urbe e a predispõe para se tornar inhospita e insalubre em futuro talvez não muito remoto [...].²⁰

O trecho acima citado deixa explícito a indignação de uma parcela da população, no caso as elites, diante da permanência do traçado da cidade, que ainda carregava a estrutura de cidade colonial, cujas ruas apertadas dificultavam a circulação de ar nas casas, construídas em quadras mal definidas, a falta de calçamento das ruas. Esses eram alguns dos problemas que traziam um grande desconforto, tanto para os poderes administrativos, quanto para as elites.

Com o intuito de proporcionar a cidade um aspecto mais moderno, assim como a busca de sanar com o problema das enormes poças de água nos lugares dedicados à circulação de transeuntes, as posturas municipais ordenavam que todos os proprietários calçassem com um prazo curto a parte da frente de suas casas, com o intuito de proporcionar o nivelamento das ruas e declinação das águas aí estagnadas. Caso a ordem expedida fosse negligenciada, os

²⁰ *A Razão*: Órgão do Partido Republicano de Matto-Grosso. Ano IX, n. 45. 1924, p. 3.

proprietários do imóvel seriam obrigados a pagar uma multa pelo não cumprimento da mesma. No entanto, as ruas mesmo as principais continuavam sem calçamento, melhoramento que só foi alcançado na década de 1930.

Para infelicidade de grande parte de seus moradores, embora Cáceres se constituísse em uma das três cidades mais importantes de Mato Grosso, juntamente com Corumbá e Cuiabá, esta por sua vez não se desenvolvia na mesma velocidade, tampouco gozava dos mesmos recursos de infraestrutura que as demais, especialmente Corumbá, que nesse período obteve um desenvolvimento frenético, ao ponto de Cuiabá se ver sucumbida, e até mesmo perder a posição de capital do estado.

Nas ruas apertadas, poeirentas na estação seca ou lamacentas no período de constantes chuvas, transitavam em suas carrocinhas os vendedores ambulantes de legumes, verduras, galinhas, entre outros, pois Cáceres ainda não possuía os armazéns, os leiteiros, aguadeiros, entre outras categorias de trabalhadores, como as lavadeiras que se dirigiam ao rio cotidianamente para a lavagem de roupas, os moradores que circulavam de um lado ao outro para tratar de algum negócio e etc. No entanto, não somente as pessoas circulavam pelas apertadas ruas da cidade, as mesmas eram utilizadas ainda por animais domésticos, como cães, porcos, galinhas, vacas, que circulavam livremente junto aos transeuntes.

A circulação de animais domésticos pelas ruas deu margem para que os administradores públicos buscassem meios de extinguir com os animais que trafegavam livremente. Inicialmente as posturas municipais permitiam a criação de animais domésticos como porcos e galinhas dentro dos quintais, desde que as normas de higiene estabelecidas pelas posturas municipais fossem cumpridas, no entanto, não se sabe se devido ao não cumprimento dessas medidas, foi proibido por completo a criação de animais dentro do perímetro urbano.

Quanto aos cães que perambulavam pelas ruas da cidade, exigia-se que fossem cadastrados junto a Câmara Municipal caso contrário seriam dizimados, alegando que a circulação dos mesmos dificultava o processo de limpeza do espaço urbano, então em andamento. Como se pode observar nessa publicação ordenada pelo Intendente do Município Hilário José da Silva:

De ordem do senhor Intendente Geral do Município, faço público, para conhecimento dos interessados, que se procederá á extinção de todos os cães não matriculados que infestam as ruas da cidade, bem como a retirada para longe animaes incomodos [...] todos quaes concorrendo para [...] as ruas, praças e outros lugares no centro da cidade, dificcultando a conclusão da limpeza a que está procedendo.²¹

Entretanto, não era apenas no âmbito da urbanização que Cáceres era considerada como atrasada, antigos hábitos dos moradores da cidade, tais como ordenhar vacas no traçado urbano, a permanência

²¹ *Argos*: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 59, 1912, p. 2.

de animais domésticos perambulando livremente pelas ruas da cidade, a execução de reses em meio aos transeuntes, são todas práticas que foram inclusas no rol de “incivilizadas”, e que os administradores lutavam tão severamente para eliminá-las, pois não condiziam com o modelo de sociedade que se buscava construir:

Nós também temos leis e posturas municipaes, porém não sabemos comprehender que ellas são decretadas em benefício geral e por isso nós todos temos restricta obrigação de nos submeter ao que ellas prescrevem. Em vez de as cumprir, parece que sentimos prazer em desprezar as leis e desprestigiar a autoridade.²²

É possível notar quão lento foi o processo de implementação de melhorias na cidade de Cáceres, pois já em meados do século XIX o Rio de Janeiro possuía calçamento das principais vias, e no final deste século as avenidas centrais já possuía sistema de iluminação elétrica vinda das casas de comércio, já na primeira década do século XX a cidade contava com iluminação elétrica nas vias centrais da cidade. Enquanto que Cáceres passará a usufruir do sistema de iluminação a gás somente no século XX, mais precisamente em 1908. O sistema de iluminação pública contava com a instalação de lampiões a querosene, cujo benefício ficava restrito apenas as áreas centrais da cidade. A tecnologia já estava bastante defasada, devido o baixo grau de luminosidade, até por que a falta de querosene era muito recorrente.

²² *A Razão*. Op. cit., 1924, p. 1.

Como exemplo de modernização mais próxima de si, as elites e os administradores de Cáceres tomaram como modelo a cidade vizinha de Corumbá, que se tornou uma espécie de referência. Da mesma maneira em que despertava ciúmes, pois em 1914 Corumbá passou a contar com a ferrovia, sendo construída a *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, que ligava a região sul de Mato Grosso (Corumbá) ao litoral de São Paulo (Bauru).²³ Cáceres sonhava e de certa forma acreditava que por se tratar de uma das cidades mais importantes de Mato Grosso, seria alcançada por essa melhoria e a partir daí, desenvolver-se-ia como sua vizinha Corumbá. Os administradores e a elite letrada, que constantemente ressaltavam a questão nos jornais, buscaram a partir desse momento reivindicar esse ícone do progresso, mas que, no entanto, nunca foi alcançado, para infelicidade dos seus moradores, que viam na ferrovia a possibilidade de alavancar Cáceres no cenário nacional.

Outra medida adotada foi a renomeação das ruas e praças, que até o momento eram denominações dadas pelos moradores, que em geral se referiam a algum acontecimento, aspectos do local, como por exemplo, a Rua Direita, Rua da Manga, em decorrência do desembarque e embarque das boiadas, era também conhecida como *Fura-Bucho*, por ocorrerem muitas brigas no local, ou ainda o Beco Quente, zona de meretrício da cidade, entre tantos outros locais da cidade. Tais nomenclaturas não correspondiam com a cidade que se

²³ GOMES, Cristiane Thaís do Amaral Cerzósimo. *Italianos em Mato Grosso: fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata (1856 a 1914)*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2011.

planejava e passaram a partir desse momento, a serem substituídas por nome de personagens políticos, seja de âmbito local, estadual ou nacional, referindo-se a “acontecimentos e construção de personalidades, como as ruas 13 de Junho, Antonio Maria, Quintino Bocaiúva, Comandante Balduino.”²⁴

Compondo o projeto de modernização do espaço urbano, algumas obras que foram julgadas essenciais pelos administradores, foram concretizadas, como o Porto Mario Corrêa, que foi inaugurado em 1928; o Matadouro Municipal em 1919, o Jardim Público, já em 1935, entre outras obras de arborização das praças Barão do Rio Branco, Major São Carlos e Avenida Sete de Setembro, e como medida de manter os animais que perambulavam pelas ruas afastados das plantações, foi necessário construir pequenos cercados ao redor. Além de melhoramentos como calçamento de ruas e praças.

Nos periódicos é possível encontrar várias referências a questões relacionadas aos melhoramentos urbanos, no jornal *Argos*, por exemplo, com muita frequência havia uma coluna dedicada a esses assuntos, geralmente trazia o título de *Melhoramentos Locaes* na qual eram apresentados todas as medidas de melhoramentos urbanos em andamento na cidade. Como pode-se ver nesse artigo:

Diversos trabalhos de natureza publica, tendentes a promover o melhoramento geral desta cidade, acham-se uns acabados e outros em vias de execução, o que allias, não pode deixar de constituir um significativo titulo de recommendação á actual administração municipal. Dos

²⁴ PINHO, op. cit., 2011, p. 68.

serviços que alludimos acham-se promptos a da abertura de algumas vias urbanas e o de prolongamento das existentes, que forma projectadas até as saídas da cidade [...]. Estas e outras obras como que ampliaram o horizonte, imprimindo uma nova feição topográfica local, a si não fora a inexplicável tortuosidade a que obedeceram certas edificações antigas, que deformaram o alinhamento geral [...].²⁵

Ainda que houvesse se constituído enquanto uma cidade portuária, Cáceres só passará a possuir um porto em 1928, até esse momento, as embarcações atracavam no então denominado Porto da Manga, um local de frente a praça, que daria lugar em 1935 a Praça Barão do Rio Branco. Devido a demora na execução das obras de construção do porto, que se dava, sobretudo devido a falta de recursos, suscitou uma série de críticas, especialmente por parte dos periódicos, que cobravam o término da obra, pois aos olhos dos administradores e uma parcela da população, a cidade já não podia continuar sem desfrutar dessa imprescindível melhoria.

Considerações finais

O processo de modernização/modernidade repercutiu nos dois principais centros urbanos do país entre o final do século XIX e início do XX, espalhando-se para outras localidades. Em Cáceres, esse movimento repercutiu mais especificamente no início do século passado, e a partir daí os poderes administrativos e as elites locais buscaram apropriar-se dos símbolos dessa modernidade, recriando um conjunto de normas para identificar-se com o dito mundo moderno.

²⁵ ARGOS, op. cit., 1912, p. 1.

Através da análise de alguns periódicos que circularam na cidade nesse período, o *Argos* e *A Razão* foi possível identificar como se deu a modernização/progresso na cidade, especialmente nas camadas abastadas e pelos poderes administrativos, que buscaram através de uma série de medidas desfazerem a imagem de Cáceres identificada como atrasada e incivilizada, estereótipos comumente utilizados para se referirem-se as regiões interioranas do país.

Algumas melhorias nos espaços urbanos, a exemplo dos grandes centros urbanos do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, e etc. foram implementadas, como o calçamento das principais ruas e avenidas, arborização de ruas e praças, criação de lugares específicos para sociabilidades, como o Jardim Público, iluminação a gás, apesar de ser um sistema já defasado, construção do Porto e do Matadouro, renomeação de ruas, praças e etc. Muitos projetos de melhorias sequer saíram do papel devido a falta de recursos financeiros para implementação. Desde modo, vimos que mesmo cidades interioranas, como Cáceres, buscaram na medida do possível, meios de serem “inseridas” no dito mundo moderno.

Referências

Bibliografia

ARAÚJO, Maria do Socorro de Sousa. Memórias subscritas em um tempo revisitado. In: CHAVES, Otávio Ribeiro (Org.). et al. *História e memória de Cáceres*. Cáceres: Unemat, 2011.

ARRUDA, Adson de. *Imprensa, vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX (1900- 1930)*. 2002. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, 2002.

BAPTISTA, Marta. *Estrela de uma vida inteira: a história de Cáceres contada através das lembranças de vó Estella*. 5. ed. Cáceres: Unemat, 1998.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. Da cidade moderna às contemporâneas: notas para uma crítica do urbanismo modernista. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 247-271, jan./jun. 2014.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque Paulista*. São Paulo: UNESP, 2004.

GOMES, Cristiane Thaís do Amaral Cerzósimo. *Italianos em Mato Grosso: fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata (1856 a 1914)*. Cuiabá: Entrelinhas/EdUFMT, 2011.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: história da administração municipal*. 2. ed. Cáceres: Unemat, 2009.

PINHO, Rachel Tegon. Cáceres: olhares sobre a tessitura urbana de São Luiz de Cáceres. In: CHAVES, Otávio Ribeiro (Org.). et al. *História e memória de Cáceres*. Cáceres: Unemat, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, José Carlos de. *Sertão cosmopolita: tensões da modernidade de Corumbá (1872-1918)*. São Paulo: Alameda, 2008.

WEBER, Beatriz Teixeira. *Códigos de posturas e regulamentação do convívio social em Porto Alegre no século XIX*. 1992. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1992.

Fontes

A Razão: Órgão do Partido Republicano de Matto-Grosso. Ano IX, n. 45. 1924.

Argos: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 47, 1912.

Argos: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 48, 1912.

Argos: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 50, 1912.

Argos: Noticioso dedicado aos interesses do povo. Ano II, n. 59, 1912.

CÓDIGO DE POSTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO LUIZ DE CÁCERES. Palácio do Governo de Matto-Grosso, 28 dez. 1888.

Recebido em 10 de maio de 2017; aprovado em 30 de novembro de 2017.